

A VERDADE

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

Acceitam-se artigos de Colaboração, que
poderão ser dirigidos ao gerente
JACINTHO SIMAS



CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

POR SEMESTRE

Capital . . . 3\$000 — Exterior. . . 3\$500

PUBLICAÇÃO SEMANAL PAGAMENTO ADIANTADO

CALENDARIO

- 3 de Maio—Domingo: Invenção da Vera Cruz. S. Javenal bispo.
4 Segunda-feira: S. Maria viuva. S. Godeardo bispo.
5 Terça-feira: Conversão de S. Agostinho. S. Pio V papa. S. Angelo martyr.
6 Quarta-feira: S. João ante a porta latina. S. Evodio bispo e martyr.
7 Quinta-feira: S. Estanislau bispo e martyr. S. Flavia Domitilla virgen e martyr.
8 Sexta-feira: Apparição de S. Miguel Archangelo.
9 Sabbado: S. Gregorio Nazianzono bispo e doutor. S. Geroncio bispo e martyr.

CRUZ E SOUZA

Lamennais, o genio rebelde, escreveu esta grande sentença:

«Si o odio, a colera, a injuria perseguem em vida o homem que só amou a verdade, depois da morte a justiça vem assentar-se sobre a lousa do seu tumulo».

Vão cumprir-se essas palavras dentro em pouco sobre uma das sepulturas rasas do cemiterio de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. Ahi repousa um viajor cansado de rasgar os pés nos espinhos das miserias humanas.

Fitou estrellas, sóes rutilos, chammejantes, abrazadôres, e na alma, grande e altiva, irromperam-lhe vulcões. Bebeu de todas as taças da vida, e nellas encontrou venenos lethaes. Quiz fugir á angustia, e a angustia soberba, exeruciante, lenta, despedaçadora, empolgou-lhe o organismo, ciliciado pelas dôres. Pulsou-lhe o coração vibrante, faiscante de fôgos, e o Têdio veio fragmentar-lhe as fibras, num gargalhar convulso, epileptico, carnavalesco. Passou-lhe sobre os hombros a clamyde da existencia. Quiz despil-a. Não pode.

Ella o constringio, terrivel como a de Djanira.

Nos labios enxamearam agonias, rugiram suspiros, imprecaram soluços, e os sorrisos curtos, pallidos, fugaces, transmudaram-se em uma catadupa de prantos.

Elles queimaram-lhe a face negra, mais negra ainda pelas tempestades do soffrer e do desespero.

Foi um rebelde. Não o comprehenderam os homens.

Tinha um ideal: vingar uma raça, cujas lagrimas queimam a historia da civilisação, e apunhalar a materia sordida nos esterquilinios de sua podridão. Sobre os destroços em brazas dessas ruinas funerárias, quiz fazer pairar o espirito para cantar a gloria, e engrinaldar-se das purzas do infinto. Levantaram lhe-se barreiras. Elle as transpoz.

Luctou, luctou sinistramente, implacavelmente, para tombar triumphante sobre o regaço amoroso da Morte.

Pecharam-se-lhe afinal os olhos languidos e sonambulos n'uma cantata sonora de repousos sempiternos, velados apenas pelos amarelentos cirios da penuria extrema.

E na placidez com que deslisou para a campa, na calma augusta, na altivez indomita, esphacelou os mundos de odios e ironias, de invejas e raivas que em vida babujaram-lhe aos pés.

Elle entrou sereno para os dominios da Immortalidade.

Hierophanta da Dôr, sagrou-se na epopeia escripta com o sangue de suas veias.

Viveu na morte o que na vida encontrou mortes, incendios, babas nojentas e esqualidas de supremas ironias, e de atrozes, tantalicos martyrios.

Não é tarde! Chegou a hora em que seu corpo, calcinado pela amargura, extrema, vibratilise aos sons festivos da amizade, do enthusiasmo, do affecto, da justiça.

Não é tarde! Sua terra natal, cesta de flores deixada á beira-mar, quer mandar-lhe agora tambem um pedaço de sua alma. E esse pedaço d'alma refulgirá como alabastruia lamprda sobre a terra amiga e complacente, onde dorme o artista, o poeta, o grande viajor dos circulos da Vida e da Morte, onde repousa tranquillo Cruz e Souza.

M. L.

CRUZADA

A FAVOR DA IMPRENZA!...

2—Duas imprensas

Todo o homem é bom ou mau; não ha meio termo possivel. Todos sentimos a belleza e a força d'estas palavras, e todos sabemos que não são palavras vans. São o ABC da consciencia; bem podemos negar-lhe obediencia; o que não podemos é negar-lhe auctoridade, justiça e verdade, nem impor-lhe silencio. O «verdictum» da consciencia impõe-se a todos; «aeterna auctoritas esto», diziam os velhos romanos em sua austera linguagem.

Pois bem, o homem é o que são as suas acções e e estas são o que é a sua alma, onde reside o poder que, em ultima instancia, as determina. Si a alma fôr boa, boas serão tambem as suas acções; a arvore boa dá fructos bons; mas si a alma fôr má, egoista, avara, soberba, sensual, mesquinha e vil, taes serão tambem as suas acções.

Ora, escrever sinceramente é passar a nossa alma para o papel, tal qual a temos dentro de nós ou desejamos que seja; e como a alma é necessariamente boa ou má, a imprensa que a exteriorisa e retrata, ha de forçosamente ser tambem boa ou má. E como todos os homens se dizem bons, nem havemos de esperar que os maus tragam na testa o sobrescripto da maldade, para os conhecermos, assim tambem toda a imprensa ha de dizer-se boa, e nenhuma ha de impor-se a si mesma o ferrete ignominioso de má. Isto está na natureza humana e demonstra que ella é originaria e naturalmente boa. O mal é essencialmente hypocrita, por isso só pode ser praticado com o nome e apparencia do bem.

Segue-se d'aqui que, assim como não devemos fiar-nos de todo e qualquer homem, assim tambem não devemos fiar-nos de toda e qualquer imprensa. Ha homens que representam o genio do mal e são, por assim dizer, a sua encarnação visivel. O nome e a presenca do bem causam-lhes convulsões de energumenos. A imprensa má é ja alma social d'esses homens e a força do seu contagio é tanto mais funesta quanto os homem e o mal são mais accessiveis e impressionaveis. E' mister, pois, antes de tudo saber discernir a imprensa boa da imprensa má.

3—A imprensa má

O fim pratico, que temos em vista, exige que ponhamos de parte a imprensa scientifica e technica ou profissional. Fa-lemos principalmente da imprensa vulgar, cuja acção penetra todas as camadas sociais sob o triplice ponto de vista politico, moral e religioso.

Assim como ha um criterio infallivel para distinguir o homem bom do homem mau, assim tambem o deve haver para distinguir a imprensa boa da imprensa má. O criterio de cada homem são as suas acções. Tal é a norma do Evangelho e do bom senso. E' pelo fructo que se conhece a arvore. As acções manifestam o homem, porque procedem da sua alma e são um retrato vivo d'ella. E as acções aferem-se á luz da ordem, da moralidade e da «religião». O mesmo deve dizer-se da imprensa.

A imprensa má é socialmente hostile á ordem, á moralidade e á religião. Não quero dizer que ella se declare aberta e francamente tal, o que seria loucura manifesta; basta que seja tal pelas suas

tendências, pelas suas doutrinas e pelo seu espirito (modo habitual de julgar das pessoas e das coisas).

(Continúa)

—«»—

Evangelho do terceiro domingo depois da Pascoa

(João 16, 16—21).

Naquelle tempo disse Jesus a seus discipulos: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e me vereis, porque vou ao Pae. Disseram pois alguns de seus discipulos uns aos outros: Que é isto que nos diz? Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e me vereis, porque vou ao Pae? Assim que diziam: Que quer elle dizer com este pouco? Não sabemos o que diz. E Jesus, conhecendo que lh'o queriam perguntar, disse-lhes: Perguntais entre vós á cerea disto que disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e me vereis. Em verdade, em verdade vos digo que vós chorareis e lamentareis, e o mundo se alegrará; e vós estareis tristes, mas vossa tristeza se tornará em gozo: A mulher, quando dar á luz, tem tristeza, por quanto sua hora é vinda, mas depois que deu á luz um filho, já se não lembra da sua dôr, pelo gozo de que um homem haja nascido no mundo. Assim vós agora estais tristes, mas outra vez vos verei, e gosar-se-ha vossa coração e vossa alegria ninguem vol-a tirará.

Explicação.—Traz este evangelho parte do memoravel discurso do Senhor aos Apostolos, depois da Cêa, pouco antes de começar a dolorosa Paixão.

«Ainda um pouco, e não me vereis» isto é, não tenho senão pouco tempo que passar na terra, e breve tornarei a subir ao céu; mas «outra vez um pouco e me vereis» isto é, depois dos annos que vos resta passar na terra e que são mui breves, que não são mais que um momento em comparação com a eternidade, me vereis no céu, onde terei voltado para meu Pae.

Sim, será de afficções a vossa vida e de amarguras, de tribulações e trabalhos, ao passo que o mundo estará na alegria. Consolae-vos, porém, que não dura muito a scena, mudar-se-ha em jubilo a vossa tristeza, como em tristeza breve se tornará a alegria do mundo. Mas, que enorme differença! Por uns poucos dias de pranto, cahe-vos alegria que ninguem vos tira, gozo eterno que logo apaga da memoria o que por meu amor soffrestes sobre a terra; entretanto os mundanos, por umas horas de prazeres, soffrerão infindos pezares, remorsos e desesperação que nunca acabam. Lá no céu vos espero; come partilhastes dos meus trabalhos e opprobrios, parte vos guardo também nas minhas delicias e na minha gloria que nada poderá tirar-vos.

—«»—

De Lages chegou o illustrado frei Pedro Sinzig, redactor-chefe do «Cruzeiro do Sul», que se publica na cidade de Lages.

Damos-lhe as boas vindas.

Secção de informações

Nosso collaborador sr. José Boiteux, digno director da Estatística do Estado, depois de conferenciar a respeito com o exmo. sr. vice-governador, resolveu organizar, annexa a essa importante e utilissima repartição, uma Secção de Informações sobre o nosso Estado, de modo a fornecer ao publico, principalmente ao commercio importador e exportador todos os dados que lhe forem requisitados.

E' excusado encarecer a bellissima iniciativa do nosso amigo, que assim dá mais uma prova do seu amor ao Estado natal e do modo altamente patriótico por que o serve, como o tem feito até agora nos diversos e elevados cargos que tem exercido.

—«»—

O CREPUSCULO

Temos sobre a mesa os ns. d'«O Crepusculo», bem redigida revista litteraria e scientifica da cidade da Laguna, correspondentes aos mezes de Março e Abril do corrente anno.

E' director o sr. Francisco Fernandes e secretario o sr. Lucas Vianna.

Folgamos em permutar com a interessante revista, a que desejamos mil prosperidades.

—«»—

Estão a chegar n'esta capital dous reverendos padres da congregação do Sagrado Coração de Jesus.

Sabemos que, alem de outros importantes misteres a que se vão dedicar, os illustrados sacerdotes tomarão a si o encargo de dirigir a Escola de S. Antonio, de que foi fundador e tem sido infatigavel director o nosso estimado vigario, padre Francisco Topp.

E' com viva satisfação que noticiamos o augmento do clero na nossa capital.

—«»—

REVISTA DA SEMANA

FLORIANOPOLIS. — Embarcaram-se para o Rio os senadores Hercilio Luz e dr. Felipe Schmidt, e em S. Francisco o deputado Abdon Baptista.

—No dia 1 de Maio chegou aqui pelo vapor «Paranaguá» o ministro allemão junto ao governo brasileiro, Barão von Treutler, que pretende visitar as colonias allemãs neste Estado. Comprimentamol-o.

RIO. — Um dos brasileiros mais distinctos, autor de diversos trabalhos sobre chorographia e historia do Brasil, dr. Moreira Pinto, acaba de fallecer, causando a sua morte consternação geral.

—Até o dia 30 foram reconhecidos 148 deputados, faltando, portanto, 64.

PORTO ALEGRE. — Continúa a peste bubonica no Rio Grande. Desde dezembro até hoje foram passados 55 attestados de obito por peste bubonica.

—Foi verificado um desfalque de 46 contos nos cofres da intendencia de Jaguarão. O intendente fugiu para o Estado Oriental.

S. PAULO. — O dr. Lauro Sodré fez, em homenagem do fallecido dr. Rangel Pestana, um notavel discurso em favor da revisão da constituição federal.

MANAOS. — Noticias vindas do Acre communicam que a 3 do corrente o general Olympio da Silveira, commandante das tropas de occupação do Acre, chegou a Volta da Empreza, e em nome do governo, proclamou o territorio septentrional do Acre, comprehendido entre o rio Madeira até a nascente opposta do rio Javary, occupado militarmente pelo Brazil, até a solução do litigio com a Bolivia. O estado sanitario das tropas brasileiras é bom. O general boliviano Pando, acampando em Santa Rosa, ainda não está informado do accordo de 21 de março. Por isso o general Olympio mandou ao seu encontro o major Gomes de Castro para lhe dar conhecimento do accordo.

BUENOS AYRES. — Foi imponente a peregrinação uruguayo-argentina, presidida pelos arcebispos de Montevidéo e Buenos Ayres.

PARAGUAY. — O senado Cesar Gandra em longo discurso fundamentou no Senado o projecto apresentado á Camara, para que se envie uma mensagem aos Congressos brasileiro e argentino, pedindo-lhes que se decidam a liquidar a divida de guerra.

ROMA. — Chegou no dia 27 o rei da Inglaterra, Eduardo VII, sendo recebido com ovações deslumbrantes. A «Alliança Protestante» telegraphou ao secretario do rei, dizendo que espera que o rei não visite o Papa. Apesar desse pedido, o soberano inglez visitará sua Santidade. («Correio da Tarde»). Muito bem!

PARIS. — O presidente Loubet foi muito bem recebido em Alger. Realizaram-se grandes festas, entre outras a festa veneziana á qual concorreram embarcações da Russia, Italia, Inglaterra, Hespanha e França.

— Diz o telegrapho que os frades de «La Chartreuse» resistiram ás determinações de despejo, tendo sido empregada força militar. (?)

Continuam os disturbios em toda França, motivados pelas ultimas medidas governamentais relativamente ás congregações religiosas. Diversas congregações se tem recusado a attender ás intimações das autoridades, para, dando logar á expulsão por meio da força, provocarem a intervenção do poder judiciario. Consta que será apresentado ao parlamento francez um projecto separando a Igreja do Estado.

ALLEMANHA. — Uma violenta tempestade desabou sobre Berlim, Potsdam e Magdeburgo, fazendo muitos prejuizos.

HESPANHA. — Em Madrid realisou-se um meeting socialista em que os anarchistas fizeram grande tumulto, ficando morto um socialista.

— O partido republicano sahio victorioso em diversas cidades nas eleições ultimas.

—«»—

O sr. Anfrisio Pereira, co-proprietario do Gabinete Brazil, offereceu á egreja matriz de Tijucas cinco acções do club «Sete de Setembro» daquella villa, no valor de 100\$000.

Condemnação de um «medium»

Em Berlim acaba de ser condemnada a um anno e meio de prisão a famosa Anna Rothe, que em numerosas sessões espiri-
tas servia de «medium».

Estas sessões eram frequentadas por muita gente da alta sociedade, generaes, medicos, naturalistas, juizes, professores, e principalmente de senhoras, princezas, condessas, etc.

Ouvia-se a voz do espirito de um menino, chamado Frederiquinho, que fazia revelações sobre o mundo dos espiritos, chamava outros espiritos etc. Em seguida voavam pelo ar, cahindo de cima, flores, fructas e brinquinhos, que o «medium» offerecia ao publico como lembranças dos espiritos.

Finalmente a policia resolveu-se a acabar com a historia. A uma sessão assistiram agentes de policia disfarçados e no momento quando cahiam as flores, prenderam e examinaram o «medium», encontrando na saia da mulher uma porção de flores e fructas. Anna Rothe sabia com muita habilidade tirar as flores da saia e lançal-as para cima, de maneira que o publico julgava que eram os espiritos que deixaram cahil-as. Foi verificado por muitas testemunhas que ella era uma boa fregueza das lojas que vendem flores, e que comprava antes das sessões sempre uma porção d'ellas. Produzia a voz do espirito Frederiquinho por ventriloquia.

Quando de uma vez para sempre desaparecerá essa impostura de espiritismo, que é um real perigo para a familia e a sociedade, prejudicando a saude e as faculdades mentaes dos seus adeptos, e além disto é uma superstição e heresia da peor sorte!

FOLHETIM

(17)

As duas Corôas

II

Entre parenthesis: o estudante que assim declamava não pegava em livros, fazia os exames por empenho, desde os preparatorios, mas por ter lido alguma cousa de A. Comte, de Darwin julgava-se com auctoridade bastante para falar de cadeira em tão grave assumpto.

Approximava-se o modesto acompanhamento. A ambula sagrada, nas mãos do sacerdote, recebia nas ruas um ou outro signal de acatamento. No café, sómente ajoelhou-se o mancebo, mas muito respeitosa-mente, inclinando a cabeça em quanto o Senhor passou.

Deram-lhe os estroinas uma vaia tremenda, recheiada de todas as tolas e batidas expressões com que os insensatos e libertinos costumam insultar a santidade da religião.

Pão de S. Antonio

Esta benemerita instituição fundada em Porto Alegre pelo rev. conego Marcelino Bittencourt, de 22 de Agosto de 1895 a 31 janeiro deste anno teve a abençoada receita de 101:694\$805, a despeza de 84:696\$520, ficando o saldo em deposito de 16:998\$285, que com duas apolices de 500\$ e um terreno com bemfeitorias, que custou 32:500\$, constituem o patrimonio até aquella data.

Tem distribuido 218.190 pães de primeira qualidade e dado 15:837\$ como auxilios a alugueis de casa, além de outros soccorros e suffragios.

Consignamos toda nossa admiração pela obra philantropica do illustre sacerdote que tão dedicadamente se poz á frente de tão digna e apreciavel instituição.

—«»—

ACTOS RELIGIOSOS

Domingo—Missas ás 6 horas no hospital, ás 6 1/2 e ás 8 na Matriz, ás 8 na capella do collegio Coração de Jesus, ás 10 horas na Matriz e ás 10 1/2 Missa solemne com sermão e Te-deum na igreja do Menino Deus.

Sexta-feira—Missa de Bom Jesus dos Passos ás 8 horas no Menino Deus.

Sabbado—Missa de N. Senhora das Dôres ás 8 horas na Matriz.

Mez de Maria—A's 6 horas da tarde todos os dias na Matriz.

Doutrina para meninos—No domingo, na terça e quinta-feira ás 4 horas da tarde na Matriz.

—«»—

Para o Braço do Norte seguiu o rev. padre Antonio Tertilt, digno coadjutor do vigario da parochia.

No meio daquella saraivada de apodos, de dislates, de chacotas, o moço conservou-se calmo, recolhido, repetindo intimamente o psalmo de David: «Laudate Dominum omnes gentes, laudate eum omnes populi.»

Em seguida levantou-se devagar, com o desassombro de quem sabe o que faz á vista de quem não sabe o que diz, poz o chapéo e correu um olhar seguro pelo grupo:

—Eu creio, senhores, disse elle, e não tenho vergonha de mostrar que creio. Conservo fielmente a fé que recebi na infancia, porque não encontro nella cousa alguma que repugne á minha razão. Estudo os livros que a ensinam ou que a defendem, reflecto, péso os prós e os contra, e cada vez creio mais. Não me deixo levar pela influencia do exemplo para negar sem exame tudo o que por ahi se nega por imitação, por luxo de impiedade, por ignorancia, por má fé, ou por temor de motejos levianos. Creio tudo o que a Igreja ensino porque não achei nunca, em nenhuma outra parte, ensino mais puro, mais bello, nem mais digno de ser aprendido por quem quer que confesse ser alguma cousa mais do que materia bruta. E logo

ANECDOTA OPPORTUNA

Aconteceu um dia achar-se um padre almoçando em uma casa de pasto em companhia de outros commensaes.

Alguns destes, logo que deram com o padre, piscaram os olhos uns para os outros e começaram a fallar em religião e padres, dizendo delles o que Mafoma não disse do toucinho. O padre, porém, como se nada ouvisse, continuou pacificamente o seu almoço e, acabado, comprimintou e saiu.

Um dos presentes, incommodado com os disparates proferidos contra a sua religião e admirado de que o padre nada lhes respondesse, se levantou tambem e o seguiu para lhe pedir uma explicação de seu silencio.

Snr. padre, disse, não ouviu as conversas daquelles atrevidos?—Ouvi, sim senhor.—Mas, então, porque nada lhes respondeu?—Oh! vejo que o senhor me não conhece.—E' veidade que pessoalmente o não conheço, mas o traje me diz que é padre e por isso esperava que...

Pois, meu amigo lhe explico. Eu sou o capellão da casa dos doidos e lá todos os dias estou ouvindo conversas iguaes ás que nós acabamos de ouvir durante o almoço. Naquella casa um pensa ser imperador e como tal manda; outro, um dos sete sabios da Grecia e espera de sua apothese; este se dá por inventor do moto perpetuo; aquelle, por cultor de linguas classicas e porfia que Homero é escriptor latino, e não falta quem, padecendo de mania religiosa, passe os dias em proferir disparates, cada qual mais descabellado.

Ora, bem vê, meu amigo, que querer persuadir a doidos e maniacos o contrario do que elles pensam, seria mostrar-se ainda menos ajuizado do que aquelles in-

que creio proclamal-o bem alto, e não sacrifico o supremo objecto de minha fé a um mal entendido pejo, ou ao receio pueril de uma zombaria e de um sarcasmo.

O celeste peregrino, que havia pairado alli,—na sua faina de converter em flores tudo o que achava de bom para Jesus, fez dessa sincera confissão de fé uma rosa brilhante.

Estava encantado e surprezo, com sobejo motivo, que infelizmente nos tempos modernos pouca gente haverá que se atreva a ajoelhar diante de Jesus Christo na praça publica, embora o adore mais ou menos sinceramente—dentro de seus templos.

Ai! com profunda magoa o reconhecemos! christãos existem que, valentes talvez diante da perspectiva do sacrificio, da perseguição e do soffrimento, se tornam pusillanimes e cobardes no momento de arrostar a carantonha maliciosa dos trocistas voltaireanos. E outros ainda ha que, contentando-se com admittir a religião na especulativa, julgam indignos de sua philosophia ou de sua alta posição esses signaes exteriores de deferencia e respeito, essas pequenas, mas significativas praticas, boas, no dizer delles, para mulheres e ignorantes sómente! (Continúa)

felizes, e este foi unicamente o motivo de meu silencio e estou convencido que o amigo não desaprovára a minha maneira de proceder.

—Apoiado! o snr. padre tem toda a razão. Discutir com tresloucados é perder seu tempo, além do perigo que ha, que aquelles infelizes, irritados, se tornem até furiosos. Por outro lado a gente de bom juizo não faz caso do que dizem os tolos, á vista de seu estado mental avariado. Em semelhantes casos não posso senão apoiar seu modo de proceder, por ser o mais prudente.

—Esta anecdotica explica aos nossos bons leitores e catholicos o motivo de nosso silencio passado e tambem futuro sobre os despropositos, paradoxos e mentiras que certa imprensa, intollerante e descomedida, não cança de espalhar entre nós contra tudo que é catholico—apostolico—romano. O bom senso da população desta Capital e do nosso Estado, estamos certos, ha de lavar sua sentença, se já o não tem feito, e entregar a tal imprensa energumena ao desprezo que merece.

— « » —

Escolas parochiaes

Consta ao «Imparcial», de Tijuca que brevemente fundar-se-ha nessa villa uma Associação Catholica, que estabelecerá escolas, em diversos logares da parochia, afim de ministrar a instrucção primaria aos meninos pobres.

— « » —

O professor Harnack sobre o papado

No mez passado, o professor da universidade de Berlim, Harnack, um dos primeiros theologos protestantes contemporaneos, fez, na cidade de Francfort, perante um grande e selecto auditorio de protestantes, quatro discursos sobre o papado, os quaes causaram muita attenção em toda a Allemanha.

Harnack, sem duvida, a primeira autoridade na historia ecclesiastica, especialmente na historia dos primeiros seculos do christianismo, e autor de importantissimos escriptos sobre os santos Padres da Igreja, nega a divindade de Jesus Christo.

Por isso não acredita na instituição divina do papado, que para elle é uma instituição humana, levando em si o cunho de caducidade como todas as cousas mundanas. Mas isto não lhe prohibe fazer justiça ao papado como instituição historica.

Em palavras enthusiasmas o orador tributou sua admiração aos grandes papas Nicolao I, Leão o Grande, Gregorio o Grande, Gregorio VII, Innocencio III e outros, e pintou em côres vivas as tempestades que ameaçaram a Igreja catholica no decurso de 18 seculos, dizendo que o papado sahia de todos estes perigos sempre victorioso e com vigor reviviscente. Quem dos catholicos assistiu aos discursos, devia-se lembrar involuntariamente das palavras que S. Agostinho diz a respeito do christianismo: «Si o papado não fosse de instituição divina, a sua conservação seria o maior milagre do mundo.»

No fim, o professor pintou o papa Pio

VII como pae terno e amavel da christandade, e o secretario d'elle Consalvi, o diplomata mais notavel da primeira metade do seculo decimo nono, e chamou o papa Leão XIII de um dos primeiros homens do nosso tempo.

Como contrasta esta linguagem do douto e celebre professor protestante com a linguagem de certos inimigos da Igreja, os quaes, sem conhecimentos profundos da historia, transcrevem suas invectivas e calumnias extrahidas de pamphletos que não tem nenhum valor historico, mas estão envenenados pelo odio e furor raivoso contra a Igreja catholica!

— « » —

CARTAS DIRIGIDAS A UM MINISTRO DA EGREJA EVANGELICA POR UM NEOPHYTO DA MESMA EGREJA

DUODECIMA CARTA

Venerando Senhor Ministro.

Enviando o nosso Divino Mestre seus Apostolos pelo mundo a prégarem aos homens a Boa Nova, lhes disse: «Vêde que eu vos envio como ovelhas para o meio dos lobos» (Math. 16, 16). Por estas palavras Jesus Christo quiz inculcar-lhes a doçura e a mansidão, e consequentemente prohibir-lhes os meios violentos, improprios de uma religião como a Christã que se basêa principalmente sobre a caridade reciproca.

Pois bem, amado Pastor, sendo esta a vontade do nosso Mestre, como se pode pôr em accordo com isso as perseguições e barbaridades de que os reformadores usaram contra os catholicos, no intuito de introduzirem entre elles a nova Reforma? Na Inglaterra, na Suecia, na Dinamarca e na Noruega o novo Evangelho foi estabelecido por meio da força, das execuções e perseguições, como expliquei nas minhas ultimas cartas; na propria Allemanha, berço glorioso da Santa Reforma, não fôram dispensados os mesmos argumentos fortes.

Proclamaram lá a máxima: «cujus regio, ejus religio» isto é: quem é o dono do paiz, é tambem o dono da religião dos subditos. Lei horrorosa, inaudita mesmo entre os povos gentios da antiguidade, e directamente opposta á lei divina da liberdade e da caridade! «Cada principe», escreveu no anno de 1535 Capito, um dos chefes reformadores, «é a cabeça da Igreja no seu paiz, instituido por Jesus Christo como tal. Perante a força da espada d'elle todos os subditos devem-se curvar, a elle está sujeita a doutrina religiosa e a Igreja, assim como todos os prégadores não hão de prégarem outra doutrina senão aquella que o principe quer. As crianças mais que aos pais pertencem ao principe. Por isso cada principe tem a obrigação de extirpar pela força a superstição catholica em seu paiz.» (Jansen, Hist. 4, 3).

Conforme esta doutrina procederam os principes em quasi toda a Allemanha. «E para ganhar (captivar) todos a favor do novo Evangelho», diz o pastor protestante Gaspar Brochmond, «Luthero deu-lhes os conventos e as abbadias com as respectivas propriedades, aos padres e frades, licença de terem mulher e ao povo, livrou

da obrigação de guardar as leis divinas e ecclesiasticas, ensinando que não se requer mais que a fé, sem necessidade para a salvação de observar os mandamentos». Por isso Frederico II, rei da Prussia, não diz sem razão: «Reduzindo os motivos do progresso da Reforma a sua verdadeira e simples expressão vê-se que na Allemanha o motivo foi o interesse, na Inglaterra o amor libidinoso e na França a novidade». (Frédéric le Grand, «Mémoires» 1, 18).

Na Saxonia o principe João nomeou em 1527, á instancia de Luthero, uma comissão com a ordem de visitar todas as parochias e introduzir a Reforma expulsando os parochos que não quizessem acceital-a. Para enganar o povo foi aos pastores inculcado convervassem a missa por enquanto, mas que deixassem a consagração das especies de pão e vinho. Os conventos foram fechados, os frades e as freiras que não quizeram casar foram expulsos.

Da mesma maneira procedeu Felipe, landgrave de «Hessia», que 1526 chamou todos os padres ao synodo de Homberg, onde o ex-frade Francisco Lambert—a quem o reformador Batzer chama de homem infame e arrogante (Zwingl. Epist. 466.)—por ordem do landgrave insistiu a que todos acceitassem a Reforma. E como o velho e douto franciscano Ferber protestasse contra tal pretensão, gritou Lambert enfurecido: «Matai a besta, degollai o inimigo do Evangelho». (Riffel Hist. Eccl. 2,75). Assim triumphou a Reforma na Hessia. O que não quiz acceital-a, só se pôde salvar do furor dos reformadores, fugindo para terras estranhas, deixando-lhes seus bens e riquezas.

A Prussia, que era uma provincia ecclesiastica e pertencia á Ordem religiosa dos Cavalheiros Teutonicos foi reformada pelo gran-mestre Alberto de Brandeburgo. Sobre este principe e os motivos da sua apostasia escreveu o professor Hase,—nada amigo dos papistas—um livro intitulado: «O duque Alberto de Brandeburgo, tragedia do seculo da Reforma. Leipzig, 1879», em que lhe attribue entre outros titulos o de «abyssmo de hyprocrisia e corrupção». Alberto acceitou a Reforma, para tirar a Prussia que pertencia á dita Ordem dos Cavalheiros Teutonicos da jurisdicção do papa e tornal-a ducado independente.

(Continúa)

— « » —

Dr. Brazilio Machado

O distincto e illustrado brasileiro Dr. Brazilio Machado, que ainda se acha em Roma, por occasião do Jubileu Pontifical, publicou sob o titulo de «Homenagem de um brasileiro em visita á Roma dos Papas, no XXV anno do Pontificado de Leão XIII,» um bellissimo volume, em oitavo artisticamente impresso sobre pergaminho, no qual o distincto escriptor traça, com mão de mestre, os motivos principaes que o Brazil tem para prestar eterna gratidão ao nosso grande Papa o immortal Leão XIII.